



Fome das brabas: panela no fogo, barriga vazia!

EDITORIAL

Um testemunho coletivo sobre pobreza em tempos de pandemia

Natali Mota

“Nos lugares em que homens e mulheres e crianças carregam o fardo da fome, um discurso sobre democracia e liberdade que não reconheça estes aspectos materiais pode soar falso e minar os valores que procuramos promover” Nelson Mandela



Nos últimos tempos, fomos atingidos por um agente infeccioso grave, chamado de coronavírus SARS-CoV-2, que vem tirando a vida da população brasileira e tornando-a ainda mais difícil. O vírus mudou toda a nossa dinâmica social: o uso de máscara tornou-se necessário assim como o isolamento social. Nós, obrigatoriamente, paramos de trabalhar e de levar o pão de cada dia para mesa, paramos de frequentar a escola e a universidade – muitas das nossas metas estagnaram-se tal como os resultados delas. O Governo, que de início era contrário as medidas provisórias contra a Covid-19, estabeleceu no mês de abril de 2020, um auxílio financeiro de R\$ 600,00 para que pessoas desprovidas dos seus salários pudessem enfrentar melhor a vida e a crise até dezembro de 2020. Com o aumento vertiginoso do quadro epidêmico, o auxílio financeiro foi prorrogado até julho de 2021, no entanto com valor reduzido. A quantia máxima a ser recebida passou a ser R\$ 375,00. O valor não é o bastante para acabar com a fome que se estende por séculos e que agora se tornou mais intensa e visível.

Desde meados de 2020 houve um aumento circunstancial nos preços dos alimentos básicos: arroz, feijão, açúcar, leite, óleo, carne e farinha. Nós, cidadãos, aqueles que mais dependem desses alimentos, que fazem parte da classe social baixa e que recebem ajuda de custo do governo, somos obrigados a retirar esses gêneros alimentícios do nosso cardápio ou reduzi-los da lista de compra, porque os R\$ 375,00 são pouco para comprá-los. É uma situação difícil!

Principalmente quando se tem crianças em casa... Assim sendo, o auxílio emergencial, dinheiro que o Governo se negou a distribuir durante um tempo, não faz milagre algum. É claro que a ausência dessa verba nessa atual situação seria ruim, mas nada mudou nas nossas vidas desde sua integração. Ainda sentimos fome – fome das brabas!

Sem dúvida, o problema fome é consequência de uma série de medidas políticas governamentais desumanas. Após o golpe de 2016, houve um contínuo agravamento da insegurança alimentar brasileira. Segundo pesquisas, a desvalorização do salário mínimo, o crescimento do desemprego, a reforma trabalhista e a redução de políticas de combate à desigualdade no governo Temer, e posteriormente no governo Bolsonaro, empurraram novamente o Brasil para o Mapa da Fome das ONU. Para melhor escurecer, de acordo com IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), entre 2017-2018, 10,3 milhões de brasileiro vivenciaram a insegurança alimentar em seus lares. Em virtude da pandemia, o aspecto “fome” agrava-se.

Entretanto, preocupados com a subnutrição de pessoas carentes, coletivos sistematizam maneiras de arrecadar alimentos e distribuí-los gratuitamente para pessoas em estado de vulnerabilidade social. Felizmente, algumas organizações públicas e privadas estão com campanhas das quais objetivam reduzir a desigualdade social em tempos de pandemia.

Outrossim, apesar do Brasil estar fadado a políticas e ideologias insensíveis, nota-se crescente colaboração mútua entre os brasileiros nessa atual situação. Muitos estão cedendo não só alimentos, produtos de higiene, remédios e roupas, mas também ombros amigos para confortar e encorajar os outros a prosseguir. A solidariedade, o respeito e compreensão com o próximo, tornou-se o principal meio de erradicação de ameaças à vida humana.

É importante que mais agentes de combate à fome sejam criados, mas não podemos desvincular do Governo tal responsabilidade. Ele deve garantir que seus cidadãos tenham acesso a direitos básicos como alimentação, saúde, educação, dentre outros. Posto isto, se a governança descumpra o seu dever, significa que está violando os princípios básicos para a existência de seus cidadãos.

Portanto, não nos esqueçamos deste grito ancestral: atravessamos o oceano Atlântico sentido fome. E, quando chegamos a terras desconhecidas, obrigaram-nos a sentir mais fome. Muitas de nós, mulheres pretas desnutridas, foram forçadas a amamentar e criar os/as filhos/as das brancas descomprometidas da maternidade, garantindo o futuro dos nossos agressores, enquanto nossos filhos/as pretos/as penavam. Nada mudou! Continuam tirando o pirão das nossas bocas e o leite de nossos seios... Eles estão por aí governando com mãos de ferro, apossando-se das terras, controlando as barreiras da desigualdade, impedindo a vacinação em massa, disponibilizando mais pobreza para os pobres... Desde que fomos sequestrados, afastados do abraço acolhedor de Mãe África, agonizamos na justiça dos injustos.



Sem ponto

O PODCAST DO
JORNAL O PONTO!

Vamos falar sobre...

Segurança Alimentar!!!

Deixe o que
puder, pegue o
que precisar

Esse mês o **Podcast Sem Ponto** traz para discussão a nossa Segurança Alimentar.

Você sabe como está a situação da fome no Brasil? Como isso te atinge? Como vai a sua casa e a casa de suas pessoas queridas?

Tentamos responder a algumas dessas perguntas e com isso discutimos como nossas escolhas individuais e em conjunto percorrem nossos caminhos junto com a gente. Bó?



OUÇAM EM TODAS AS PLATAFORMAS!!!



PALAVRAS DA
COORDENAÇÃO

Caros(as) estudantes,

Nesta finalização de 2020.1, a Coordenação do Curso de Letras gostaria de desejar a todos, todas e todes um bom final de semestre.

Passamos por mais um semestre remoto, distantes fisicamente um dos outrxs, mas conseguimos concluí-lo, manter alguns laços e estreitar outros, da melhor forma que pudemos.

Sabemos que, devido ao nosso momento atual, no próximo semestre, ainda continuaremos de maneira remota, até que seja possível retornarmos em segurança.

Fiquem atentxs aos prazos de matrículas e ajustes no SIGAA para o próximo semestre.

Deixamos o nosso abraço a todos, todas e todes. Se cuidem e fiquem firmes, nos encontramos no próximo semestre!

Wânia e Lavínia

Sobre redes de solidariedade...

O Diretório Central de Estudantes da Universidade será responsável por receber as doações e fazer o mapeamento dos estudantes em situação de necessidade. O diretório criou o seguinte formulário para os estudantes preencherem e informarem a sua situação aqui: (<http://bit.ly/formularioDCE>)

Fundo de Solidariedade Estudantil para Segurança Alimentar
Vem com a gente ajudar os estudantes que encontram-se em situação de vulnerabilidade devido a pandemia da Covid-19.

DCE UNILAB

Fundo Solidário Estudantil:
<https://apoia.se/fundosolidarioestudentildaunilab>

Fundo de Solidariedade Estudantil para Segurança Alimentar
As doações podem ocorrer através dos seguintes meios:
<https://apoia.se/fundosolidarioestudentildaunilab>

PIX: 70920306179
Júlio Sani Lopes
Conta Corrente BB:
Agência: 4577-2 | Conta: 19.106-X

DCE UNILAB

**Há inúmeras outras formas de ajudar..
encontre uma e Junte-se a nós!**

MÃE MARÉ CARANGUEJO SURURU OSTRA SARNAMBI	MÃE TERRA RAÍZES INSABAS CHÁS, MUDAS VERDURAS
BERENICE AG2824 CC17203-8 OP13 CAIXA	RAIMUNDO AG2824 CC17945-2 OP13 CAIXA

Os valores estão na bio e no link desse cartaz!
Clicar em: **Enkomenda de Alimentos**
Pra efetivar a compra:
Enviar comprovante do depósito para @irmandaderaizkilombola ou 71999315826

COLETIVO CULTURE-SE

ESTAMOS PASSANDO PELA PIOR FASE JUNTOS, E JUNTOS NÓS SAIREMOS DELA. ATÉ LÁ, VAMOS DAR APOIO AOS NOSSOS IRMÃOS E IRMÃS QUE SE ENCONTRAM AGORA EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL EM SÃO FRANCISCO DO CONDE

AJUDE DOANDO; 1 KG DE ALIMENTO NÃO PERECÍVEL; PRODUTO DE LIMPEZA E OU ITENS DE HIGIENE PESSOAL

WHATSAPP: 71992089957
@CULTURESECOLETIVO

CAMPANHA VOCÊ TEM FOME DE QUÊ?
Convidamos você a contribuir nesta campanha!

NOSSA META
Beneficiar cerca de 3.000 Famílias em 5 Comunidades

Pontos de Entrega

- > Centro Cultural que Ladeira é Essa? (Ladeira da Preguiça, nº 10)
- > Casa Xângo House (Largo da Saúde, nº 1 - Saúde)

Emergencial é agora!

COLABORE TAMBÉM PELO PIX
PIX CNPJ
30.800.235-0001-29

Parceiros:

Informações: (71) 9.9117-8531 (71) 9.9688-0599

Vem pra Feira ALIMENTOS

PRA NUTRIR KORPO, MENTE E ESPÍRITO PROSPERANDO NOSSAS FAMÍLIAS!

f ENKOMENDAS ACESSAR A BIO @IRMANDADERAIZKILOMBOLA **ig**

ESTUDANTES MALÊS! CADASTRAR PRA CESTA BÁSICA! O FORMULÁRIO TÁ NO LINK DESSE CARTAZ, NA BIO, NO EMAIL GESTÃO DA UNILAB: A CAMPANHA DE ALIMENTOS PODE VIRAR POLÍTICA DE PERMANÊNCIA? E A VERBA DO RU?

AmarElo É TUDO PRA ONTEM

AmarElo: um resgate necessário da cultura negra no Brasil

Gilmar F. da Costa

Graduando de Letras - UNILAB/BA

Professor e Servidor Público da Rede Municipal de Educação de São Francisco do Conde

O documentário AmarElo do rapper brasileiro Emicida foi lançado pela produtora Laboratório Fantasma na Netflix, em 8 dezembro de 2020, com direção de Fred Ouro Negro e no elenco: Emicida, Fernanda Montenegro, Pablo Vittar dentre outros. Faz uma verdadeira viagem no tempo sob a perspectiva do presente, na tentativa de fazer um resgate da cultura afro-brasileira trazendo à tona os feitos extraordinários de indivíduos negros que deixaram um legado para a humanidade, mas que não têm a devida valorização ou destaque dentro da sociedade como merecem. É sob essa perspectiva de resgate e valorização que AmarElo vem para descortinar esse legado cultural construído por homens e mulheres pretos, evidenciando a importância deles na vida de todos nós por serem referências transformadoras e libertárias, as quais a elite tenta silenciar e fazer o apagamento histórico.

Antes de mais nada, vale lembrar que Emicida - narrador, personagem e idealizador do documentário -, ao desenvolver a narrativa, vai traçando um paralelo com o evento histórico de suma importância para a sociedade: a Semana de Arte Moderna de 1922, ou Semana de 22, que aconteceu em fevereiro de 1922, em São Paulo. Tal evento simboliza o marco histórico do Modernismo no Brasil, movimento de expressão artístico-cultural que rompe com o tradicionalismo estético até então vigente. O palco da Semana de 22 é o Theatro Municipal de São Paulo, assim como é também do documentário AmarElo, que, não por acaso, é escolhido por Emicida para seu trabalho, por ser um espaço de maior expressividade artística de São Paulo e de visibilidade nacional e internacional.

O que se sabe é que o Modernismo brasileiro se inspirou em movimentos artísticos de vanguarda da Europa (Cubismo, Dadaísmo, Expressionismo, Surrealismo etc.) de modo que tais movimentos e seus representantes propunham uma transformação na estética vigente, a qual tinha como parâmetro um padrão artístico de bases tradicionais. Portanto, o novo movimento rompe com essa visão ultrapassada da arte. O Modernismo brasileiro surge através de ideias pioneiras que quebram com o padrão posto e implementa uma arte de caráter nacional, reinventando o modo de olhar e fazer arte.

Dessa forma, criando um paralelo com o documentário, temos que AmarElo, por meio do resgate de uma herança cultural, artística e intelectual negra nos faz perceber o quanto nossa cultura tem, em sua base formativa, influências de feitos/ações pioneiros/as de um povo negado historicamente e jogado nos porões da história e da sociedade. Estamos falando do povo preto!

Para exemplificar, vamos citar alguns dos nomes célebres que aparecem no documentário!

Tebas, destaque na arquitetura e urbanismo, revolucionou a estilística arquitetônica de São Paulo, no século XVIII, mostrando, assim, o pioneirismo negro na arquitetura. Johnny Alf, na música, sendo considerado pai da Bossa Nova e influenciador de Elis Regina. Wilson das Neves, sumidade no mundo do samba. Lélia Gonzales, na academia, enquanto intelectual da Filosofia e da História, pioneira na criação do Movimento Negro Unificado,

do movimento feminista negro e influenciadora de grandes intelectuais no mundo, a exemplo de Angela Davis. Esta destaca que, com Lélia Gonzales, aprendeu muito sobre a temática do feminismo, fato que coloca o Brasil como referência no assunto. Emicida, citando o pensamento de Lélia Gonzales, nos diz que a contribuição do negro é fundamental à cultura do país e, reverberando no campo linguístico, essa contribuição é tamanha, a ponto de dizer que nós não falamos português, e sim pretuguês, dada a influência do povo preto dando todo um caráter peculiar à língua do nosso cotidiano.

Seguindo nos exemplos, temos Teodosina Ribeiro e Leci Brandão, na Câmara dos Deputados, sendo que Leci também é uma cantora e compositora do samba, com destaque em ser a primeira mulher negra a fazer parte da ala de compositores da Mangueira, lugar antes dominado genuinamente por homens. Emicida, para engrandecer o samba, destaca a importância de Oswald de Andrade, com seu Manifesto Antropofágico, com a frase que diz: "só o outro me interessa" e Emicida completa que o samba já nasceu sabendo desse fundamento, pois é no encontro que nossa existência faz sentido.



Ainda sobre as contribuições e pioneirismo negro no processo de transformação da sociedade, no intuito de romper com padrões sociais estabelecidos por uma minoria, o documentário traz a figura de Antônio Candeia Filho, cantor e compositor que criou o Grêmio Recreativo de Arte Negra e a Escola de Samba Quilombo, através dos quais desenvolveu uma luta pela liberdade cultural. Destacamos ainda a Escola de Cultura Popular, com os intelectuais orgânicos Elton Medeiro, Paulinho da Viola, Wilson Moreira e Ney Lopes. Um outro expoente valiosíssimo de nossa sociedade e que também é destacado na produção cinematográfica é a criação do Teatro Experimental do Negro, criado pelo ativista e intelectual negro, Abdias do Nascimento. Abdias, ao presenciar atores brancos com os rostos pintados de preto encenando em peças teatrais, função que muitos negros poderiam exercer mas não tinham oportunidade, é impulsionado a criar o teatro negro como alternativa e oportunidade aos excluídos. Por fim, mas sem esgotar os exemplos que aparecem no filme, temos o pioneirismo de Ruth de Souza, considerada a primeira dama negra da televisão brasileira com destaque internacional, tendo estudado em universidades de outros países.

AmarElo resgata elementos consideráveis de nossa história, em especial no tocante às influências do povo preto, que sempre teve um papel preponderante dentro da sociedade, mas que foi historicamente subalternizado. Tentaram nos silenciar e nos apagar socialmente, negando nossos feitos políticos, sociais, culturais, artísticos, econômicos, educacionais etc. É assim que o filme vai lembrando de figuras negras importantíssimas nas mais diversas áreas, nos apresentando o vanguardismo negro no processo de transformação social, na busca por justiça social, apresentando uma alternativa à parcela da população que sempre foi marginalizada e deixada à própria sorte – ou má sorte – morrendo por falta do essencial à vida. É um documentário empoderador, que nos enche de orgulho em termos iguais a nós que nos deixaram um legado de luta digno e que nos encorajam a seguirmos na luta por nós e pelos que virão.

Neste mostrar de figuras pioneiras e expoentes dentro da sociedade – fazendo as mudanças necessárias, mudando paradigmas, dizendo não ao padrão de sociedade vigente que exclui uma parcela da população de ter acesso aos serviços necessários a uma vida digna e equânime –, AmarElo se aproxima ou mantém relação direta com o movimento ocorrido na Semana de Arte Moderna de 1922 e não por acaso que a produção filmica acontece no mesmo espaço físico, o Teatro Municipal de São Paulo. Espaço este frequentado pela elite do país e que agora é ocupado por indivíduos negados socialmente, que nunca tiveram a oportunidade de entrar naquele espaço. Então, vem Emicida com sua produção e promove uma quebra física e simbólica deste padrão social e mostra que o Teatro também é do povo pobre, que ele pode e deve ali entrar pois, assim como as ruas, o Teatro é nosso, a cidade é nossa! Logo temos o direito de desfrutar de tudo que estes espaços possuem, frutos da coletividade, devem ser, portanto, do coletivo.

Emicida leva ao palco figuras artísticas icônicas para, com ele, encerrarem o show AmarElo. Essa é uma das cenas mais emocionantes do documentário pelo simples fato de ratificar o poder que tem a minoria marginalizada e destituída de sua importância. No entanto, a produção mostra o contrário. Tratam-se das artistas Pablo Vittar e Majur que são representantes de um grupo social marginalizado e sem espaço de fala. Elas são artistas da comunidade LGBT e, como sabemos, este é um segmento da sociedade que não tem a atenção, respeito e reconhecimento que merece.

Portanto, Emicida mais uma vez rompe com o padrão estabelecido e traz inovação e ensinamentos a respeito da diversidade e respeito à pluralidade, conferindo ao documentário uma importância extraordinária em nos abrir os olhos para o que nos cerca. Olhar o presente com novos olhos e com um pensar crítico, reflexivo sobre o nosso passado, visando resgatar o que de melhor tivemos e o que, por tantas circunstâncias, vem sendo apagado e/ou silenciado. Ao mesmo tempo, possibilita verificar o que aconteceu de ruim em nossa história e hoje buscar corrigir tudo isso com outras escolhas, para garantir uma nova história aos que virão. Ou seja, o documentário nos convida a refletir sobre o hoje, corrigindo o que precisa ser corrigido para que o passado negativo não venha a se repetir no futuro com suas injustiças e apagamentos.

Referências

- Crítica – AmarElo- É tudo pra ontem: urgência, arte e potência. Disponível em: www.canaltech.com.br/cinema/critica-amarelo-e-tudo-para-ontem-netflix-176035/. Acessado em 25/03/2021
- Emicida: AmarElo – É tudo pra ontem. Disponível em: www.omelete.com.br/netflix/criticas/emicida-amarelo-e-tudo-para-ontem. Acessado em 25/03/2021
- O que foi o Modernismo. Disponível em: www.coc.com.br/blog/soualuno/portugues/o-que-foi-o-modernismo. Acessado em 25/03/2021
- Os 80 anos de Candeia, um defensor do samba-enredo. Disponível em: www.tvbrasil.etc.com.br/sambanagamboa/post/os-80-anos-de-candeia-um-defensor-do-samba-enredo. Acessado em 25/03/2021
- Semana de Arte Moderna. Disponível em: www.encyclopedia.itaucultural.org.br/evento84382/semana-de-arte-moderna. Acessado em 25/03/2021

**Pablo Vittar,
majur e Emicida**



Ficha Técnica: Emicida: AmarElo – É Tudo Pra Ontem (Original Netflix)

- Título Original: Emicida: AmarElo – É Tudo Pra Ontem
- Duração: 89 minutos
- Ano produção: 2020
- Estreia: 08 de dezembro de 2020
- Distribuidora: Netflix
- Dirigido por: Fred Ouro Preto
- Classificação: 12 anos
- Gênero: Documentário, Música, Show
- Países de Origem: Brasil



**Arte feita por Di
Cavalcanti para
divulgação da
Semana de Arte
Moderna, de
fevereiro de 1922.**



No virar da chave, poesia slam presente!

Natali Chaves Mota

*Desejo
esse meu desejo é uma vontade coletiva
muitas vezes representada
poucas vezes representativa
é que eu quero ser preta
preta de corpo alma e política
(MOTA, 2020. Não publicado)*

Certo dia, Aristóteles nos disse que a poética é o estado involuntário da alma. Recentemente, Antônio Cândido nos disse que “a literatura é o próprio homem”. Não seria, portanto, próprio da mulher e do homem pensar naquilo que atinge constantemente as suas almas? E pensar sobre aquilo que atinge a alma não seria o mesmo que refletir sobre as questões externas, naquilo que forma o homem, isto é, sociedade, política, direitos, valores, culturas, entre outras estruturas? Então, decidi beirar essas duas teses para pensar em poesia falada de autoria negra e refletir sobre oficina de poesia slam para o EJA.

Para Cândido, a fruição literária não é um privilégio de poucos, mas, sim, uma capacidade de todos. A busca por explicações, por compreensões daquilo que toca ou incomoda profundamente a alma, é própria da natureza humana. Sendo assim, independente de gênero, raça, condições econômicas e mobilidade física, qualquer pessoa – repito: qualquer pessoa – pode desdobrar-se na poética e em outros meios literários.

No entanto, há de se considerar que algumas pessoas negras tornam-se intelectuais através de comutações, tais como, “[...] conversão religiosa com um professor ou colega muito influente que nos convenceu a dedicar a vida a atividades de leitura escrita e conversa pelo prazer individual mérito pessoal e ascensão política dos negros [...]” (HOOKS, 1995, p. 465). Contudo, devido ao Brasil ser um país de extrema desigualdade racial, tornar-se intelectual é quase uma necessidade para os não brancos.

A Poesia Slam de autoria negra refere-se à busca por tudo que foi apagado ou minimizado pela escravidão. No slam, o apelo da alma desafiada pelas violências sociais é ouvido, mais do que isso, é aprendido e refletido por variadas pessoas. As vozes e os corpos dos trovadores contemporâneos expressam o amargor das experiências externas as quais ferem a alma, mas também podem expressar o que a enriquece como, por exemplo, amor, carinho, paixão, alegria, sabedoria... Sendo assim, a temática é ilimitada, já as regras para participar da batalha de slam são bem definidas: a) são necessários três poemas de autoria própria; b) esses poemas serão recitados em rodadas eliminatórias; c) cada rodada tem a duração de 3 minutos; d) não é permitido acompanhamento musical nem adereços.

Infelizmente, de vez em quando, no Ensino de Jovens e Adultos (EJA), encontramos discentes com âmagos entristecidos, cansados e silenciados pelo racismo estrutural e pelo preconceito que se tem contra pessoas que entram no ensino básico tardiamente.

Eles precisam de algo que os incentive a prosseguir, que preencha esse vazio sistemático e que os envolva na escrita criativa. Oficina de Poesia Slam é a chave! Digo isso não só porque me identifico com o gênero, mas porque vi o que esta oficina pode proporcionar aos discentes do EJA.

Em 2019, bem antes desse período pandêmico, discutíamos poesia slam de autoria negra em uma sala pequena, travada por grades. À medida que interpretávamos as poesias, refletíamos também sobre o passado de cada um. Histórias como “tive que decidir entre a educação e sustento”; “meu marido não deixava estudar”; “sempre tive dificuldade com o português”, “tinha vergonha do que eu escrevia” repetiam-se. Então, percebi que não estávamos apenas discutindo poesia, estávamos tirando o peso que acabrunhava as almas dos discentes.

Sim! Assim como nós, professoras/es em formação ou formadas/os, nossos/as educandas/os sentem o racismo e machismo estruturalizados na sociedade e, por vezes, difundido pelas instituições públicas de ensino. Eles sentem... E o nosso papel enquanto professoras/es não é apenas comprometer-se com os conteúdos X e Y, precisamos ter postura política-ideológica antirracista e antissexista. É caso de urgência! Devemos tratar disso, porque as almas dos nossos alunos não suportam mais.

Roberta Estrela D'alva, pioneira da poesia slam brasileira, um dia disse que o slam é ocupação. Aprendamos com ela a ser melhores transgressores. Um espaço poético democrática, que tem a oralidade e o corpo como vias comunicativas, que tem temáticas antirracistas e antissexistas, contrapondo-se completamente a essa tradição literária defendida por brancos/as, a maioria heterossexual, só poderia ser contraventor nessa sociedade cisheteropatriarcal branca.

Em vista disso, meus amigxs, a luta é grande. E ela diminui conforme os passos em direção à democracia aumentam. Ministras oficinas de poesia slam, principalmente para o EJA, é um bom ponto de partida para essa caminhada. Como diz mainha, vá na fé que tudo vai dar certo.

Bibliografias:

CÂNDIDO, Antônio. Antônio Cândido para formandos USP letras 2008. Produção: Thiago Freire, 2012. Disponível em: <https://youtu.be/bonUMnPNXnw> . Acessado em: 14 de jan. 2021.

EVARISTO, Conceição. Prefácio. In: DUARTE, Mel. Querem nos calar: Poemas para serem lidos em voz alta. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

HOOKS, bell. Intelectuais Negras. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5509708/mod_resource/content/0/16465-50747-1-PB.PDF . Acessado em: 20 de jan. 2021.



Relatos de um guineense na pandemia!

Nimésio Lopes

Estudante do Curso de Letras

Primeiramente gostaria de dizer que nunca passou pela minha cabeça que viveria para presenciar uma pandemia. Aliás nem sabia o que era uma pandemia! Ouvia relatos, de vez em quando, sobre alguma epidemia que abalou uma parte do mundo. Falar da pandemia parece mais difícil do que escrever um TCC em dois dias! Pois envolve muitas emoções, tristeza, dor! Já ouvi falar de surtos de cólera e ebola que aconteceram num passado recente no meu continente, a África. Na verdade, nunca ouvi falar antes de algo que parou o mundo todo num período de quase um ano e meio como essa pandemia está fazendo. Este relato trata de uma forma resumida a minha experiência nesta pandemia, ou seja, como tenho desenvolvido minhas atividades acadêmicas... e não só.

Em novembro de dois mil e dezanove falava-se de um vírus que surgiu na China e que estava matando muita gente lá. Isto era, para nós deste lado do mapa, uma coisa que ficaria por lá mesmo, porque lá é muito longe e o problema era com eles, são eles quem deveriam dar um jeito de controlar a tal coisa! Ouvia-se também os preconceitos sobre este povo e o que mais se falava é que eles gostam de comer coisas ruins e, por isso, o vírus os pegou. Um pouco depois, em fevereiro de dois mil e vinte, confirma-se o primeiro caso no Brasil! Logo em seguida, no mês de março, o vírus começou a se alastrar pelo mundo inteiro! Nesse momento já era incontornável! Agora não é mais só um problema da China, mas sim, do mundo inteiro! Na tentativa de controlar a disseminação do vírus, vários países decidiram tomar decisões de fechar lugares em que se aglomeravam pessoas e um desses lugares é a universidades da qual faço parte, a UNILAB!

A pandemia tem adiado vários projetos e não só. Ela também nos tem feito refletir sobre o significado da saúde em nossas vidas. Ao mesmo tempo em que adiou projetos, na outra face ela deu “oportunidades” pois uns conseguiram empregos novos, outros perderam suas fontes de renda. Coloquei entre aspas porque, no fundo da palavra em questão, essa “oportunidade” nos deixa expostos ao vírus.

As escolas e universidades decidiram adotar aulas online como uma forma de não perderem o ano letivo e várias outras coisas, por exemplo, os financiamentos (poucos) existentes. Sabemos que não é a mesma coisa assistir aulas pelas plataformas digitais comparando com aulas presenciais em que nos abraçamos, apertamos mãos uns aos outros etc. Mas esta metodologia virou um “novo normal”, como se diz por aí. Para mim não é “novo” normal, pois já estamos nisso há quase dois anos! Quando começaram as aulas online, logo pensei, não vou aprender nada, pois não sou fã de aulas não presenciais! Mas a pandemia me ensinou que é possível sim! Aprendi tanta coisa que nem imaginava ser possível. A nível acadêmico, está sendo proveitoso, estou adquirindo mais conhecimentos, tanto na academia, assim como também no nível pessoal.

Ainda sobre as aulas online, eu acho que a maioria dos estudantes concordariam comigo. Parece que temos menos compromisso do que no sistema presencial. Talvez seja por falta de costume. Eu acho que para atuar nesta modalidade de ensino o professor ou a professora precisa ser muito dinâmico/a para prender a atenção dos alunos porque se não for, não dará certo. Eu tenho tido sorte neste quesito, dado que todos os meus professores conseguiram me prender minha atenção e não é fácil ficar muitas horas à frente da tela (ou ecrã) do celular ou computador... a cabeça dói... os olhos doem... a diferença é o dinamismo do docente.

Em suma, a pandemia tem me proporcionado momentos tristes e ao mesmo tempo felizes. Tristes porque está morrendo tanta gente todos os dias desde que começou a pandemia que é muito difícil não sentir essa dor... e feliz porque estou conseguindo realizar algo interessante para mim e minha família!

Amor?

Amores??

Xandy

O amor pode ser eterno

Os amores não!

O amor constrói os castelos internos

Os amores os habitam por um tempo

O amor permite as pontes que ligam

Os amores passam por elas com segurança

O amor sustenta as cascatas em pedras

Os amores descem em águas revoltas

O amor fornece sombra, galhos, sustento

Os amores pousam, fazem ninhos e... voam

O amor reúne nutrientes para a planta florescer

Os amores germinam, crescem, frutificam e... são colhidos

O amor sustenta cada uma das palavras do poema

As desenha e entrelaça

E as imprime nos versos...

Os amores? As leem!

Vamos falar
sobre...

INCLUSÃO?

Quem é considerado pessoa com deficiência?

Lidiane Conceição dos Santos

A Lei Nº 13.146, de 6 de julho de 2015, que institui a Lei Brasileira da Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência) no segundo artigo, diz: Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. (BRASIL, 2015)

Embora, em algumas Leis e Decretos, referente a pessoa com deficiência usem o termo "portador de deficiência", a partir da Lei Brasileira da Inclusão da pessoa com deficiência, a nomenclatura aceita atualmente pela referida Lei é a pessoa com deficiência (PCD). O termo pessoa normal, pessoa perfeita, pessoa especial, portador de deficiência, portador de necessidades, deficiente, defeituoso, pessoa ou criança excepcional, doente mental, retardado, retardado mental, mongolóide, mongol, mudinho, ceguinho, surdinho, inválido, incapacitado, aleijado, entre outros, são termos pejorativos e preconceituosos. O capacitismo deve ser combatido diariamente. De acordo com o Decreto Nº 5.296 de 02 de dezembro de 2004, que regulamenta as Leis nos 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que específica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências, existem vários tipos de deficiência no Brasil, com os seguintes tipos:

Deficiência física: "alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física, apresentando-se sob a forma de paraplegia, paraparesia, monoplegia, monoparesia, tetraplegia, tetraparesia, triplicia, triparésia, hemiplegia, hemiparesia, ostomia, amputação ou ausência de membro, paralisia cerebral, nanismo, membros com deformidade congênita ou adquirida, exceto as deformidades estéticas e as que não produzam dificuldades para o desempenho de funções";

Deficiência auditiva: "perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz";

Deficiência visual: "cegueira, na qual a acuidade visual é igual ou menor que 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; a baixa visão, que significa acuidade visual entre 0,3 e 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; os casos nos quais a somatória da medida do campo visual em ambos os olhos for igual ou menor que 600; ou a ocorrência simultânea de quaisquer das condições anteriores";

Deficiência intelectual (originalmente mental): "funcionamento intelectual significativamente inferior à média, com manifestação antes dos dezoito anos e limitações associadas a duas ou mais áreas de habilidades adaptativas, tais como: 1. comunicação; 2. cuidado pessoal; 3. habilidades sociais; 4. utilização dos recursos da comunidade; 5. saúde e segurança; 6. habilidades acadêmicas; 7. lazer; e 8. trabalho";

Deficiência múltipla: associação de duas ou mais deficiências.

É de suma importância sabermos os tipos de deficiências, a terminologia correta, e algumas Leis e Decretos que assegurem a pessoa com deficiência e mobilidade reduzida, pois através da informação combatemos o preconceito e a violação de direitos, afinal, nem toda deficiência é visível

Referências

- BRASIL. Institui a Lei Brasileira da Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Presidência da República, 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm Acesso em 14 abr. 2021.

BRASIL. Decreto Nº 5.296 de 02 de dezembro de 2004. Regulamenta as Leis nos 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que específica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2004. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm Acesso em 14 abr. 2021.



Cancelar a CULTURA DO CANCELAMENTO?



Cancelar uma pessoa por conta de seus posicionamentos pode ter seus prós e contras. Será que resolve o problema causado pela pessoa? Será que cria um novo problema social? Veja a reportagem de **João Vitor Bispo Cerqueira** sobre o assunto.

O ato de cancelar um indivíduo se tornou uma prática rotineira nas redes sociais nos últimos anos. A “cultura do cancelamento”, em 2019, foi o termo mais usado de acordo o Dicionário Macquarie, responsável por eleger as palavras ou expressões que mais aparecem na sociedade. É nas redes sociais que ocorrem os cancelamentos. Diversos famosos ou influenciadores sociais são “cancelados” por ações que desagradam um determinado grupo social ou a sociedade como um todo. O ato de cancelar pode ser algo passageiro, porém algumas vezes é necessário que o cancelado venha a público pedir desculpas pelo seu ato infeliz.

Na prática, o cancelamento é a ação de boicotar alguém ou algo. Essas ações não ficam restritas apenas às pessoas, podendo se estender às empresas, marcas ou produtos. O famoso “unfollow” – em tradução livre é “deixar de seguir” – também pode gerar prejuízos financeiros aos cancelados, pois ocorre uma pressão dos usuários sobre as marcas e empresas que têm acordos ou contratos para desvincular sua imagem dos famosos que foram cancelados. O cancelamento pode atingir uma escala global dependendo do que for cancelado e esse pode ser esquecido numa velocidade muito grande, pois amanhã a luz do cancelamento pode ser jogada para outra pessoa, deixando no esquecimento o cancelado anterior.

Não se tem um consenso de quando surgiu a “cultura do cancelamento”, mas alguns especialistas afirmam que começou em meados de 2017, com o movimento #MeToo, que usava a hashtag para denunciar assédios e agressões sexuais. O movimento ganhou visibilidade quando a atriz Alyssa Milano pediu no seu twitter que pessoas que já sofreram assédio sexuais usassem a hashtag para denunciarem seus agressores.

A pesquisadora Anna Vitória Rocha, mestrandia em Ciências da Comunicação na USP, em uma entrevista concedida à Revista Abril, em 18 de fevereiro deste ano, afirma que “o termo pode até ter se consolidado aí, mas o ideal seria considerar a junção de uma série de fatores anteriores a esses movimentos que permitiram criar uma atmosfera favorável aos cancelamentos virtuais”.

Segundo Anna Vitória, uma questão a ser apontada é o “fortalecimento das pautas sociais na mídia de uma maneira geral: por volta de 2013, os movimentos negros, feministas, LGBTQ+ começaram a ganhar mais e mais força nas redes sociais.” A pesquisadora afirma que tais grupos passaram a encontrar, “especialmente no Twitter, um espaço para colocar o ponto de vista e experiências deles em pauta.” Rocha adiciona ainda que “aqueles que eram blindados pelas estruturas de poder se tornam mais expostos e vulneráveis” e então o cancelamento surge “como um movimento de romper com uma estrutura de poder para fazer uma denúncia justa que de outra forma não seria ouvida”. Contudo a pesquisadora defende, “que a cultura do cancelamento foi perdendo o senso de proporção. Se antes cancelavam-se estrelas de Hollywood envolvidas em casos de abuso sexual, hoje se cancela alguém por usar de forma inadequada uma expressão para se referir a algum tema do universo LGBTQ+, por exemplo. “As pessoas confundem o que é você estar agindo por ignorância ou estar reproduzindo um preconceito por ser parte de um grupo privilegiado”, diz Anna Vitória.

A temática do cancelamento ressurgiu com notoriedade na 21ª edição do reality show Big Brother Brasil. Colocadas diversas pessoas confinadas em uma casa e tendo que conviver por alguns meses, alguns desses participantes possuem visibilidade na mídia, outros eram anônimos. Contudo mesmo sabendo do risco de serem cancelados aqui fora, o fato não impediu que alguns participantes praticassem o ato de cancelamento dentro da casa com outros integrantes do reality, gerando, assim, uma grande discussão social sobre as ações dos canceladores dentro da casa. O resultado? O cancelamento do grupo que ficou intitulado como o “gabinete do ódio”.

A pergunta que fica no ar é: “O ato de cancelar é bom ou ruim?”

Essa pergunta divide opiniões. Existem aqueles que defendam, pois afirmam que expor esses indivíduos nas redes sociais, rompe com a ideia que estão protegidos por conta do espaço que ocupam na sociedade e com o sentimento de serem inatingíveis e acima de qualquer punição, podendo dizer qualquer coisa que queiram. Com o cancelamento, ficam preocupados em não desgastarem sua imagem perante a sociedade. Além disso, vale destacar também que os espaços virtuais possibilitaram aos grupos marginalizados socialmente a levantarem suas vozes para reivindicar seus direitos e denunciarem seus problemas e seus algozes.

Contudo, para alguns críticos, a cultura do cancelamento – o ato de boicotar o indivíduo – não gera nenhuma mudança social efetiva, apenas deixam os usuários de expressar determinados comentários nas redes sociais, mas não os impedem de mantê-los na roda de amigos. Por medo de perda de contatos ou de queimarem sua imagem, muitos ficam retraídos e acabam propagando imagens que não correspondem com a ideologia que realmente acreditam. Além disso, os traumas psicológicos e emocionais que o cancelamento pode causar podem ser irreversíveis variando do simples ato desativar a rede social até o extremo de cometer o suicídio.

Caro leitor, até que ponto o ato de cancelar pode realmente resolver questões de desigualdade social? Ou a cultura de cancelamento é só mais uma ação punitiva de linchamento seletivo?

Se quiser saber mais sobre o assunto, veja <https://guiadoestudante.abril.com.br/redacao/tema-de-redacao-como-funciona-a-cultura-do-cancelamento/>



Entrevista

Uma conversa com a ganhadora do prêmio “Por essas Linhas de Cá”

Natali Santos
Manoela Ventura

A entrevista deste mês é com a estudante do curso de Letras, Ana Kézia Nascimento, mulher negra, nascida e criada na cidade de São Francisco do Conde. Em março de 2021, ela ganhou o prêmio “Por essas linhas de cá”, financiado pelo Governo do Estado da Bahia, via Lei Aldir Blanc. O concurso premiou 70 textos literários escritos por jovens negros e negras que residem em territórios periféricos da Bahia. Ana Kézia Nascimento submeteu os contos “No Tororó” e “Retalhos” e ambos foram contemplados para serem publicados em um livro-coletânea. O jornal O Ponto conversou com a estudante para saber mais sobre a premiação, acompanhe a entrevista:



Quando criança, eu escrevia algumas pequenas histórias, mas, infelizmente não fui estimulada a dar continuidade a esse processo durante o meu percurso escolar. Quando ingressei na Unilab e no curso de Letras as discussões acerca da literatura, da valorização da cultura afro-brasileira, me tocaram em uma parte que estava adormecida durante anos. Especificamente, na construção da minha monografia, a partir das experiências da pesquisa de campo, me senti motivada a escrever sobre o que vivenciei. Foi nesse momento que escrevi os meus primeiros contos.

OPO - Aproveitando o ensejo, como foi a experiência de escrever e se tornar uma das ganhadoras do prêmio “por essas linhas de cá”?

Os meus momentos de escrita sempre foram muito especiais. Os detalhes que me inspiraram se tornavam grandes histórias em minha cabeça. Eu sabia exatamente como iniciar e como fazer o desfecho. Eu procurava me ver na história, encarnar a/o personagem. Acredito, que, por isso, escrever é um momento de leveza para mim, apesar de alguns momentos durarem mais do que outros. O prêmio “por essas linhas de cá” foi um presente inesperado, porque, mesmo amando as minhas produções eu não via potencial para que fossem premiadas. Submeti dois contos ao edital, e tive a grata surpresa de ser premiada pelos dois. Sem dúvidas, foi aí que pensei: então tá, acho que sou escritora.

OPO - Ana Kézia, desde já gostaríamos de agradecer com imensa alegria por esta entrevista e ao mesmo tempo parabenizamos e expressamos a nossa enorme admiração e orgulho.

Eu que agradeço pela oportunidade de fazer parte desse veículo de comunicação tão especial para a nossa comunidade acadêmica. Sinto-me extremamente honrada.

OPO - Antes de iniciar as perguntas referente ao prêmio, gostaríamos que você falasse um pouco sobre o momento em que você se descobriu escritora.



Página do Projeto:
<https://linktree.com.br/new/PorEssasLinhasDeCa>

“escrever é um momento de leveza para mim, apesar de alguns momentos durarem mais do que outros.”

OPO - Conte-nos um pouco sobre os dois contos e qual foi a sua inspiração?

“Retalhos” e “No tororó” são os títulos dos contos. No primeiro, eu me inspirei em uma moradora do Monte Recôncavo, comunidade remanescente de quilombo, a qual tive a oportunidade de iniciar a minha pesquisa de campo. No dia, visitamos uma família, e uma senhorinha estava costurando uma colcha de retalhos. Aquela imagem foi suficiente para que eu construísse a minha narrativa, atrelando ao contexto histórico cultural da comunidade.

No segundo, me inspirei em uma prática antiga dos “montenses” que é a de tomar banho e buscar água na bica do tororó, uma nascente de água. Aproveitei o enredo e o nome dado a bica para discutir questões sobre preconceito racial.

OPO - Somos defensores do ensino e de uma educação de qualidade apoiada na cultura Afro-brasileira. Além disso, consideramos a pluralidade cultural e linguística dos nossos estudantes, e sabemos que você também defende essa causa e finca essa bandeira. Poderia falar um pouco mais sobre isso e como ela se faz presente em suas obras?

Todos os meus contos são voltados para a valorização da cultura negra. Acredito que é possível letrar e formar indivíduos conscientes da sua história. A cultura e as histórias do povo negro foram silenciadas por muito tempo, e muitas delas ainda são. Com isso, nossas crianças e adolescentes pretos e pretas, não se sentem representados/as nas histórias embranquecidas que são contadas. Os meus contos são espaços de fala, de diálogo. Neles, nós encontramos diversidades, inclusive, diversidades linguísticas, porque em alguns momentos eu faço uso de marcas orais utilizadas em nossa região. Sou feliz por contribuir com esse processo de escuta a essas diversidades.

OPO - Onde podemos encontrá-los?

Os contos serão publicados em um livro coletânea de jovens negros/as da Bahia. A organização do prêmio ainda está no momento de construção do livro, por isso, ainda não temos data definida para o lançamento. Mas, assim que for lançado, faremos a divulgação e informaremos como acessá-lo. Estou ansiosa por esse momento!



sibiuni | SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNILAB

Veja nossos conteúdos em:

linktr.ee/Sibiuni_Unilab

Sibiuni
no Youtube

- ▶ Plantões tira-dúvidas
- ▶ Tutoriais
- ▶ Informações
- ▶ Serviços

INSCREVA-SE NO CANAL!

sibiuni | SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNILAB

unilab.edu.br
UNILAB

Plantão Tira-Dúvidas do Sibiuni

TCC - Monografia/Dissertação

Encontro mediado por Gleydson Santos, bibliotecário.
Dia 27, das 16h às 18h, pelo Google Meet. Inscreva-se pelo formulário disponível na bio. Certificação: 2h.

Inscrições:

<http://bit.ly/SibiuniPlantao>



Bora regularizar seu título de eleitor? Vamos espalhar essa ideia?!

Sabrina Balsalobre

Eu sei, eu sei... as próximas eleições ainda estão distantes... elas, provavelmente, ocorrerão em outubro de 2022. Por isso que, talvez, se começarmos agora a espalhar essa ideia, mais gente poderá votar para presidente(a), governador(a), deputado(a) e senador(a) e, quem sabe, conseguiremos transformar os rumos do país!

Andei pensando nisso porque, recentemente, celebramos os 89 anos do primeiro voto feminino no Brasil. Foi no dia 24 de fevereiro de 1932 que esse importante direito foi conquistado depois de muita luta feminina. Pois é... para que os votos se tornassem direito de todos os cidadãos brasileiros e de todas as cidadãs brasileiras, houve muita LUTA! Ou seja, votar foi um direito arduamente conquistado.

No curso da história, fomos perdendo essa compreensão... Circula-se a ideia - vista com muito maus olhos - de que o voto é obrigatório e que isso é um problema! Entretanto, se olharmos para o fato de que temos o direito de escolher os nossos representantes, esse ponto de vista se altera. Quando vamos às urnas e digitamos "confirma" após os números de candidatos e de candidatas em quem realmente acreditamos que vai representar nossos anseios nas casas legislativas, passamos a compreender que votar é direcionar o nosso destino. Trata-se, portanto, da escolha sobre qual política econômica preferimos... sobre como vai funcionar o valor do dólar, que diretamente influencia no preço do nosso pãozinho de cada dia... sobre como vai ficar o preço do petróleo... sobre as políticas de vacinação... sobre a importância conferida à educação.

Por outro lado, quando escolhemos não votar, há sempre aqueles que fazem questão de ir votar e de "manter nas mãos" o destino do Brasil. Não coincidentemente, antes das últimas eleições presidenciais, circulou uma infinidade de notícias falsas sobre o voto nulo, por exemplo. Já pararam para pensar: quem se beneficia com campanhas contra as eleições, levantando suspeitas sobre elas? E contra as urnas eletrônicas?

De forma geral, a soma de votos brancos, nulos e abstenções (isto é, quando, por diferentes motivos, eleitores(as) deixem de exercer o seu direito ao voto, não comparecendo a sua seção eleitoral) tem sido tão significativo que resultados de eleições poderiam ser completamente alterados. Vamos a um exemplo: no segundo turno das últimas eleições presidenciais de 2018, houve 7,4% de votos nulos (8,6 milhões), 2,1% de votos brancos (2,4 milhões) e 21,3% de abstenções (31,3 milhões). Somando tudo isso, são 42,1 milhões de eleitores que não escolheram nenhum(a) candidato(a). Isso representa um terço do total de votantes no Brasil! Como medida comparativa, o candidato eleito recebeu 57,7 milhões de votos e o segundo colocado ficou com 47 milhões.

Por tudo isso, precisamos lançar essa campanha "Bora regularizar o seu título de eleitor"? De repente, você o perdeu em alguma gaveta no passado.... de repente, você mudou de cidade e não atualizou seu título... de repente, sei lá, você não curte ir votar mesmo.... Então, esse é o momento! Vamos repensar a importância de exercermos o direito ao voto! Gostou dessa ideia? Ajude a espalhar!

Tá em dúvida sobre como deixar o seu título em ordem para não ter que pegar fila quando ficar pertinho da próxima eleição? Entre no site do TSE (Tribunal Superior Eleitoral), procure por Atendimento remoto pelo Título Net, ou simplesmente clique no link: <https://www.tse.jus.br/eleitor/titulo-de-eleitor/pre-atendimento-eleitoral-titulo-net/pre-atendimento-eleitoral-titulo-net/>. Não deixe de votar em 2022!



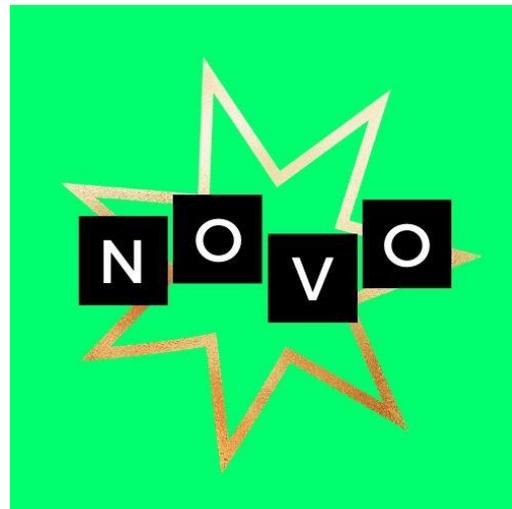
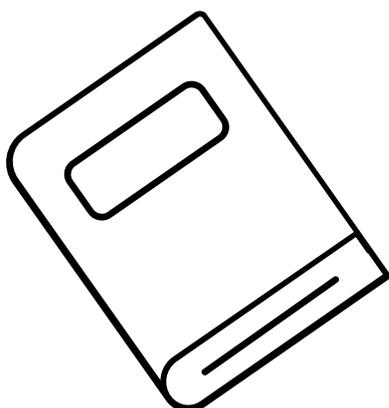
Alberto Mulangui Camundongo Hungulo

A semana universitária (SEMUNI) representa um espaço de reafirmação do compromisso da universidade, enquanto Instituição brasileira de Ensino Superior (IES), em produzir conhecimento. Preza pelo respeito às diferenças e à diversidade de saberes, culturas e experiências. É um convite à sociedade para unir-se a seus servidores técnico-administrativos, docentes e discentes por meio das atividades propostas.

A Semana Universitária é um evento acadêmico com o objetivo de divulgar e partilhar as pesquisas e produções científicas da comunidade acadêmica. Quando falamos da comunidade acadêmica, nos referimos a todas as pessoas que compõem a universidade (docentes, discentes e técnicos de administrativos). Geralmente é um evento agendado de acordo com o calendário acadêmico da universidade e, neste ano, o evento acontecerá, de forma remota, de 15 a 18 de junho.

A Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD), Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPPG) e Pró-Reitoria de Extensão, Arte e Cultura (PROEX), juntamente com os Programas da UNILAB, os cursos de Graduação e Pós-graduação e as equipes que participam de projetos de pesquisa e extensão estão se unindo para realizar o evento em 2021 sob o tema “Desafios da Universidade em Tempos de Isolamento Social”. É possível acessar as informações da SEMUNI a partir do site: semanauniversitaria.unilab.edu.br. Já no YouTube é possível acompanhar as atividades da SEMUNI a partir do canal PROGRAD UNILAB. Das atividades desenvolvidas na SEMUNI temos: Mini cursos, Apresentações de projetos e trabalhos, Momentos culturais etc.

Enfim, a SEMUNI é uma semana de muita troca de experiências e aprendizagens a partir da partilha de conhecimentos que são desenvolvidas pela comunidade acadêmica. Acesse o site, fiquem atentxs ao cronograma de envio de trabalhos e participem!



Semana de Letras

UNILAB - Campus dos Malês

**Percursos da linguagem em
tempos de reinvenção:
existir e resistir**

**De 03 a 05 de
agosto de 2021**

VEM AÍ!!!



COLABORE CONOSCO...

**FAÇA PARTE DE
NOSSA EQUIPE...**

MANDE SEU TEXTO...

JORNALOPONTO@UNILAB.EDU.BR

Apresentar o TCC precisa ser um “bicho-de-7-cabeças”?

Alexandre Silveira

A situação da pandemia nos forçou a mudar radicalmente nossos hábitos sociais e buscar alguma educação/formação possível, com os recursos que tínhamos disponíveis. Uma coisa é reclamar melhores condições de vida e existência diante desse caos pandêmico. Outra, é ter medo de inovar, de experimentar e de tentar caminhos diferentes para realizar nossas tarefas necessárias. É pensando nisso que a Equipe O Ponto achou que seria importante conversar com alguns/algumas estudantes que fizeram suas defesas de TCC de forma remota, levantando aspectos positivos e negativos da situação para, de alguma forma, contribuir para as próximas defesas e para nossa busca incessante por oportunidades possíveis de aprendizado.



Apesar de todas as dificuldades com a tecnologia, a defesa online proporcionou a alguns/algumas colegas uma oportunidade de vencer questões pessoais e de lidar com as tensões da defesa de forma diferenciada, talvez mais suave. Na visão de Valmira Damasceno Bispo, do Curso de Letras, “Como [aspecto] positivo, para mim que sou muito tímida e tenho muita vergonha de falar em público, foi uma vantagem. A apresentação no formato remoto me permitiu ficar mais segura para falar sobre o que estudei em meu TCC, se deixasse eu falaria sobre o trabalho todo rrsrrs, porque nesse momento ganhei muita coragem por estar ‘escondida.’” O estudante Julio Sacalembe, do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, em alguma medida, concorda com a colega ao dizer que sua defesa remota favoreceu a “[...] a ausência do medo mórbido que causa embaraço nas palavras e o esquecimento do conteúdo estudado.” O estudante explicou que o fato de não ter uma plateia à sua frente fisicamente “[...] auxiliou a falar com calma, com pausa e me ajudou a ter controle da minha respiração que alavancou a desenvoltura do conteúdo.”

É fato que as questões emocionais contam muito nesse momento, mesmo na modalidade presencial. Buscar informações e apoio de pessoas de confiança são atitudes fundamentais para que a situação seja enfrentada com mais segurança. Nesse sentido, a estudante Manoela Ventura, do Curso de Letras, nos conta o seguinte: “Antes da minha defesa eu estava bem nervosa, nos ensaios eu esquecia as falas e achava que não ia conseguir me sair bem. Passei os finais de semana procurando dicas na internet de como fazer a defesa online e isso me ajudou bastante. Na hora da defesa Ana Kézia [dos Santos Nascimento – colega de turma] foi passando o slide, o que me deixou mais segura e livre. Eu fixei os olhos na parede e as vezes olhava para minha orientadora para ter certeza de que eu não estava falando bobagens.”

A própria Ana Kézia também defendeu seu TCC de forma remota e afirma que “Realizar a defesa de TCC de forma remota, possibilitou a presença de pessoas que não teriam condições de participar de forma presencial. No caso de alguns colegas, até mesmo professores da banca de outras cidades, estados, e até país, puderam se fazer presente.” Mesmo de forma remota, como Ana Kézia esclarece, “a presença de pessoas especiais para nós, faz toda a diferença.”

Mas, nem tudo são flores, tanto no mundo virtual, assim como na vida real! Há sim questões que não colaboram com o sucesso de um momento tão importante na vida de qualquer estudante de graduação. As questões tecnológicas, os ruídos externos e a falta do “calor humano” presencial em muito afeta esse momento, conforme os estudantes que participaram dessa reportagem. Valmira Bispo destaca que um dos maiores problemas que viu em sua defesa remota foi “[...] o não contato com as pessoas queridas que acompanharam a [sua] caminhada.” Segundo ela, “É ruim não poder dar, nem receber um abraço dos companheiros de curso após o nervoso de uma apresentação.” Com relação às “ausências” sentidas nesse momento, Julio Sacalembe acrescenta que “Os aspectos negativos [de sua defesa remota] estão atrelados ao sentimento de se sentir só durante a defesa. Essa solidão se manifestou quando, à medida que eu fui esboçando meu trabalho eu vi que a maioria dos convidados estavam com os seus vídeos fechados, excepto aos vídeos dos membros da banca. Pareceu que estava falando só para a banca.” Essa sensação de solidão é agravada no período de isolamento e nos faz refletir que não está relacionada apenas à presença física nossa nas situações, mas em estar realmente presentes nos locais e eventos importantes, nos dedicando a essas vivências e apoiando enfaticamente aqueles e aquelas que estão sendo avaliados. A escuta e o acolhimento tem sido cada vez mais debatidos em tempos de pandemia.

Para além das questões humanísticas, a falta de experiência com as tecnologias também provoca algumas inseguranças em todos e todas nós, o que se agrava num momento de exposição e avaliação, como a defesa de um TCC. As instabilidades constantes das redes de internet e a precariedade dos dispositivos que possuímos nos coloca reféns de uma situação que, por si só, já não é agradável. Valmira Bispo viveu isso e explica que ficou “[...] com muito medo de faltar a internet no momento em que estivesse apresentando”. Luciana Santos também passou por essa insegurança: “[...] o funcionamento da internet, que de vez em quando caía e [...] ouvir o que o professor falava era um pouco complicado!”. Ana Kézia também comenta que por morar “[...] em uma localidade do interior, minha conexão de internet não é satisfatória, por isso, acredito que dificultou a plena compreensão das falas. Além disso, realizar uma apresentação em um ambiente familiar, é estar sujeito à diversas interferências.”

Apesar de alguns esforços empenhados no sentido de que os/as estudantes da Unilab tivessem tablets e chips de internet para a realização de suas atividades acadêmicas, há vários registros de que os equipamentos distribuídos não foram adequados e que, em vários casos, o chip de internet pertencia a uma operadora que não atuava na região onde o/a estudante residia. Há que se avançar muito ainda em termos de políticas públicas para que haja um ensino remoto de qualidade em nosso país e que a inclusão digital não seja um discurso, mas uma realidade.

O ensino remoto lida ainda com questões que são alheias aos equipamentos e às emoções. Estamos trabalhando e estudando em nossos ambientes domésticos que, para além de sua função de “lar”, agora é também escola, universidade, escritório e empresa. Entretanto, a infraestrutura disponibilizada é a sala, o quarto e a cozinha, os quais são disputados por todos os membros da família. Ou seja, há uma vida acontecendo para além de nossas obrigações acadêmicas e que estão, igualmente, sendo afetadas pelas dinâmicas do ensino remoto, ao mesmo tempo que interferem na condução desse ensino. Esta realidade esteve presente na defesa de Valmira Bispo que explicou que “A movimentação no ambiente familiar também é um fator negativo, tive que me trancar no quarto para não ser interrompida, pois é difícil os parentes entenderem que a defesa de um TCC é um momento muito importante na vida de um graduando.” Também, os fatores externos, nem sempre resumidos às dinâmicas familiares, afetaram a defesa de Manoela Ventura que destacou os barulhos da rua que, apesar de não terem atrapalhado a sua exposição, fez com que a estudante tivesse “[...]dificuldade para escutar algumas considerações da banca.”

Alguns dos/das estudantes ouvidos para essa reflexão apontaram aspectos vantajosos ou não que não se concentram na defesa do TCC em si, mas no processo de estudo, pesquisa e confecção de seus Trabalhos de Conclusão de Curso. A experiência de Luciana dos Santos, do Curso de Letras, apontou para questões anteriores ao momento da defesa, ainda durante o processo de pesquisa e de escrita do TCC. Segundo a estudante, o que ela aponta como “muito positivo” diz respeito aos “encontros para produção da monografia” que teriam facilitado bastante o processo, “[...]pois não foram encontros em que precisei me deslocar para que fosse construído o texto, o que deu mais tempo de produzir e discutir bastante o tema.” A estudante aponta uma segunda vantagem que percebeu nesse processo remoto com relação “às coletas os dados da pesquisa”. Na avaliação da estudante, essa parte da pesquisa “[...]foi muito válida visto que pude colher os resultados com mais precisão, inclusive as porcentagens dos gráficos que precisaria fazer cálculo e o próprio Google Formulários propiciou esse feito.”

Por outro lado, Valmira Bispo teve um sentimento contrário a esse, afirmando que “[...]a confecção do TCC, nesse momento remoto, foi muito difícil e dolorosa, visto que [eu] queria desenvolver tanta coisa, tinha muitas ideias em mente e as colocariam em prática no modo presencial. Mas, infelizmente, não pude. Isso me frustrou um pouco! Tanta coisa que queria observar, analisar, avaliar... e que seriam boas para meu desenvolvimento pessoal e profissional... mas não deu, pois o modo remoto limita as ações pedagógicas.” Valmira amplia a lista de desvantagens que viu em seu processo, acrescentando que “Além de não poder frequentar a biblioteca, pegar livros, ler os livros no formato físico, visto que a internet não nos oferece muitos recursos, se não fosse a abençoada professora Wânia [Miranda] para me ajudar, eu não sei o que seria de mim nesse momento.”

As opiniões divergem, assim como foram distintas as experiências vividas por cada colaborador/a desse texto, o que nos convida a analisar cada caso separadamente, com seus aspectos peculiares e com as visões particulares daqueles que passaram por uma defesa online em tempos de pandemia. Manoela Ventura resume sua vivência dizendo que, para ela “[...]defender online foi bem tranquilo. A única coisa negativa foi não poder abraçar e comemorar com meus amigos e professores da banca.” Ana Kézia também segue essa linha de pensamento, dizendo que: “foi possível atingir os objetivos propostos para o momento, apesar dos percalços.” Na fala de Manoela e Ana percebemos que a defesa remota pode não ser um “bicho-de-7-cabeças”, mas ainda é um desafio para todas e todos nós. Algo a ser enfrentado com coragem e tendo suas condições mínimas de realização garantidas por todos os envolvidos na situação, quer o poder público, quer a universidade (docentes, discentes e administração superior).

Tendo isso em vista, seguem algumas dicas/orientações que podem auxiliar nesse enfrentamento. Talvez não sejam resolvidas todas as questões abordadas nas falas aqui apresentadas, mas são possibilidades para que a gente perca o “medo” da defesa do TCC online. Veja se elas podem te ajudar e tenha uma ótima defesa do seu TCC.



ORIENTAÇÕES PARA APRESENTAÇÃO DO TCC ONLINE

Preparo dos slides:

1. Lembre-se que o tempo que você dispõe para apresentação de seu TCC é de 15 a 20 minutos e que sua banca avaliadora leu o seu trabalho integralmente.
2. Não coloque muito texto nos slides pois dificulta a leitura. Use termos e palavras-chave em tópicos e explique livremente os assuntos. A defesa online permite que você tenha uma pequena “cola” para não se perder nas questões que estará apresentando.
3. Se você tem, no máximo, 20 minutos de apresentação, pense em fazer, no máximo 18 slides. 15 slides seria o ideal para que você consiga controlar o tempo da apresentação com tranquilidade!
4. Em geral, faça um slide de capa (contendo o título de seu trabalho, seu nome, seu curso e o nome de orientadores); um slide com os objetivos de seu trabalho de forma resumida; um slide que apresenta a organização de seu trabalho em linhas gerais; alguns slides que apresentem as questões mais importantes de cada uma dessas partes do trabalho; um slide para as considerações finais e um slide para as referências utilizadas (as principais).
5. Cuidado com o aspecto gráfico dos slides. Pense na visualização das pessoas. Muitas figuras, cores e desenhos acabam tornando o slide muito “poluído” e cansam a atenção das pessoas.

A apresentação

1. Tente não deixar as coisas para a última hora. Organização é fundamental para nos dar segurança quanto ao que você irá apresentar.
2. Converse com seu orientador/sua orientadora a respeito da apresentação, mostrando os slides, fazendo os ajustes sugeridos e, se possível, realizando um ensaio da apresentação. Isso também trará mais segurança a você.
3. Se achar que ajuda, peça a uma pessoa de confiança para assistir a um ensaio de sua apresentação, trazendo contribuições para melhorar sua exposição.
4. Convide pessoas que você gosta e confia para assistirem a sua apresentação pois isso criará uma rede de segurança e conforto para você.
5. Se for o caso, peça a alguém para ficar com seus slides e passá-los na hora da apresentação, evitando que as questões tecnológicas te atrapalhem nesse momento.
6. Tente fazer sua apresentação em um local tranquilo, em sua casa ou em outro local, tendo em conta as medidas sanitárias protetivas. Converse com as pessoas desse local, alertando-as quanto à importância do evento, pedindo-lhes que façam o mínimo de barulhos possível nesse tempo.



Como uma centopeia!

Débora Teles

Desde menina, Flávia Janaina sonhava em estudar arquitetura. A ideia de trabalhar formando e decorando casas já a encantava, mesmo sem saber exatamente o que isso significava. Com o tempo, foi crescendo e sua paixão por arquitetura se revelou ser, na verdade, um encanto profundo pelo design de interiores... e Janaina se lançou nessa busca. Sendo a primeira de sua casa a ingressar no ensino superior, deu início ao curso de design de interiores. Apesar do sonho de infância, logo de início percebeu que aquela não era sua vocação... tinha uma paixão e encantamento pelo assunto, mas percebeu que não era a carreira que gostaria de seguir. Dessa forma, deu por encerrado sua busca nessa formação. Passadas essas coisas, Janaina deixou sua casa em Cajazeiras, Salvador, para morar em São Francisco do Conde, por conta de um relacionamento. Nesse tempo, foi encorajada por uma amiga, na época sua cunhada, a ingressar na Unilab.

Ela não se animou muito com a possibilidade, mas um tempo depois, quando sua ex-cunhada veio lhe contar que havia confirmado suas suspeitas de que a Unilab era uma universidade federal e que o ingresso se dava a partir de vagas remanescentes pelo Enem, se animou um pouco.

Dessa vez, visto que tinha prestado o Enem, resolveu tentar uma vaga na universidade. Foi sua ex-cunhada que a inscreveu. A verdade é que nossa querida amiga não acreditava que seria selecionada. Pensou que sua nota não seria suficiente para ingressar na Unilab. De fato, ao conferir a primeira lista de aprovados, seu nome não estava lá.

Ainda assim, a história de Janaina com a universidade não acaba aqui. Eis que sai a segunda lista e, para imensa felicidade de nossa amiga, seu nome estava lá, bem no comecinho. O passo seguinte foi comunicar a sua família paterna sobre sua conquista e pedir permissão para morar com eles a fim de poder estudar, visto que residem em São Francisco do Conde, cidade onde está localizado o campus universitário escolhido por ela. Nessa época, Janaina já havia voltado para Cajazeira e, para sua felicidade, foi recebida por sua família são franciscana de braços abertos.

Seu primeiro desafio foi a mudança. Embora estivesse indo para casa de sua família, ela não tinha convívio com eles. Janaina foi criada por sua avó materna, de modo que sabia que seria um desafio conviver com pessoas que, apesar do laço sanguíneo, lhe pareciam estranhas pela pouca ou nenhuma convivência que tiveram. Mas, nossa jovem respirou fundo e encarou o desafio, a princípio esse era o único meio de morar na cidade em que iria estudar.

Janaina conhecia um casal caboverdiano que frequentava a mesma igreja que ela. Por isso, uma boa parte do seu entusiasmo em estar na Unilab vinha de poder conhecer aqueles que seriam seus colegas africanos, o que para ela foi uma experiência maravilhosa! Mesmo tendo que enfrentar alguns conflitos pelas diferenças culturais, essa experiência a encantou profundamente.

Apesar desse entusiasmo por conviver e estreitar laços com seus novos colegas, o início de sua jornada acadêmica foi marcada por muitos conflitos internos. Como a maioria das pessoas que ingressam na faculdade, aquela era sua primeira experiência com o meio acadêmico, o que gerou diversas dúvidas e uma dificuldade excruciante de se reconhecer enquanto estudante universitária. O curso que escolheu fez esses conflitos pesarem ainda mais. Janaina cursava Letras e parecia ter grandes expectativas sobre os estudantes dessa área, visto que, a princípio, se achava burra. Não obstante, isso não parou nossa amiga, ela seguiu em frente para superar seus conflitos, aos poucos entendeu seu processo de adaptação e teve paciência consigo mesma e seu caminho para se integrar por completo àquele novo mundo que se colocava diante dela.

Mas as dificuldades não param por aí. Somando-se a isso, enfrentou grandes apertos para se manter. Janaina não pôde continuar na casa de sua família paterna. Depois de ser assediada por um de seus familiares, decidiu se retirar da casa de sua família e, com a ajuda de sua mãe, conseguiu alugar uma casa. Mas os meses seguintes foram muito difíceis. Ela não havia sido contemplada com o auxílio financeiro oferecido pela universidade, por isso precisou arranjar um emprego para pagar o aluguel.

Com o que ganhava no trabalho e a ajuda de sua mãe, Janaina conseguia, com muita dificuldade, pagar o aluguel. Mas não era o suficiente para conseguir se alimentar e suprir suas necessidades. Foi quando se dirigiu à assistência social da universidade para trancar o curso. Nessa ocasião, encontrou um colega que precisava de um notebook para preparar toda documentação necessária a fim de entrar com o pedido do auxílio, Janaina prontamente ofereceu o notebook dela. Em contrapartida, depois de saber sobre as tentativas frustradas da nossa amiga de receber o auxílio, o colega a ajudou a preparar e enviar a documentação de maneira adequada para a assistência estudantil.

Foi quando, já no quarto semestre, Janaina foi contemplada com o auxílio financeiro! E qual não foi sua surpresa e felicidade, agora ela sentia que poderia se dedicar à universidade, já que o auxílio lhe proveria o necessário para pagar o aluguel e se alimentar, ainda que no RU.

No início, a alimentação no restaurante universitário foi um desafio, já que trouxe mal estar e problemas de estômago para nossa colega. Mas, nessa altura, comprar e preparar sua própria comida era um custo que não teria como arcar. Ainda assim, Janaina seguiu, rompeu com todas as dificuldades, esteve à mesa com elas, mas não se deixou intimidar. Lutou até o fim, com os apertos financeiros, com as dúvidas sobre si mesma, com o próprio estômago e seguiu firme.

Em todos esses momentos, Janaina abraçava o escudo da fé, e reconhece que essa foi uma de suas forças, foi o que lhe permitiu transpor obstáculos e continuar acreditando. Sobretudo, Janaina se intitula uma centopeia. Ela reconhece que várias pernas a ajudaram a chegar onde está hoje. Foi a ajuda de professores que a trataram com respeito e cuidado, que olharam para além de seu tempo em sala de aula e se importaram com sua vida pessoal e suas dificuldades, com sua humanidade. Também, amigos da cidade e colegas da universidade que ajudaram a seguir em frente.

Janaina sabe que o caminho que travou foi pavimentado por pessoas que vieram antes dela, como sua avó, que lutou toda vida para que ela tivesse o que comer, para que ela pudesse estudar. Que a apoiou em todos os momentos. Nossa amiga nos lembra que não devemos trilhar nossa jornada acadêmica pensando em poder, no futuro, nos vangloriar de nossos títulos, ou até pensando em provar alguma coisa para alguém.

O importante para Janaina é entender que conhecimento é liberdade, e as práticas que serão formadas a partir desse conhecimento precisam vir de um coração carregado de humanidade e cuidado.

E sobre sua jornada ela declara “eu sou porque nós somos”.

Flávia Janaina Resiste!

O Jornal "O Ponto" e o podcast "Sem Ponto" consistem em um Projeto de Extensão do Curso de Letras-Língua Portuguesa da UNILAB/BA. O projeto é coordenado pelos professores Alexandre Cohn da Silveira e Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre e conta com a atuação voluntária de estudantes do Curso de Letras, sem os quais o projeto jamais existiria. Ajude-nos a reforçar essa iniciativa. Mande seus comentários e sugestões para jornaloponto@unilab.edu.br e siga nossa página no Instagram @jornaloponto.



Flávia Janaina